

COMUNIDADES QUILOMBOLAS: UMA INTRODUÇÃO**QUILOMBOLA COMMUNITIES: AN INTRODUCTION** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.012-011>**Anderson Moraes de Castro e Silva**

HARPIA- UERJ

Rio de Janeiro – RJ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5668-0354>E-mail: guaratibano@gmail.com**Roberta Baltar dos Santos**

HARPIA- UERJ

Rio de Janeiro – RJ

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0364-1689>E-mail: profa.baltar@gmail.com**William de Souza Nunes Martins**

HARPIA- UERJ

Rio de Janeiro – RJ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7837-7359>E-mail: wsnmartins@gmail.com**RESUMO**

Os quilombos, comunidades formadas por africanos escravizados e seus descendentes, representam um marco de resistência e autonomia na história do Brasil. Este artigo analisa sua organização social, estratégias de sobrevivência, resistência cultural e armada, além de seu legado na formação da identidade nacional. Destacam-se as contribuições de autores como João José Reis, Flávia Lacerda e Roger Bastide, bem como os desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades quilombolas.

Palavras-chave: Quilombos; Resistência; Cultura Afro-Brasileira; Legado Histórico; Movimento Quilombola.

ABSTRACT

Quilombos, communities formed by enslaved Africans and their descendants, represent a landmark of resistance and autonomy in Brazilian history. This article analyzes their social organization, survival strategies, cultural and armed resistance, as well as their legacy in the formation of national identity. The contributions of authors such as João José Reis, Flávia Lacerda, and Roger Bastide are highlighted, as well as the contemporary challenges faced by quilombo communities.

Keywords: Resistance; Afro-Brazilian Culture; Historical Legacy; Quilombola Movement.



1 INTRODUÇÃO

Os quilombos, comunidades formadas por africanos escravizados e seus descendentes que fugiram das senzalas, representam um dos capítulos mais importantes e complexos da história do Brasil. Essas comunidades, surgidas no contexto da escravidão, constituíram espaços de resistência, autonomia e construção de uma identidade própria, desafiando os fundamentos do sistema colonial.

A origem do termo "quilombo" é incerta, mas acredita-se que tenha raízes nas línguas africanas, referindo-se a locais de refúgio ou acampamentos. No Brasil, os quilombos eram estabelecidos em locais de difícil acesso, como matas, serras e mangues, o que dificultava a ação das forças repressivas coloniais. E, ao mesmo tempo, atraía também a atenção de outros atores sociais marginalizados.

Os quilombos representam muito mais do que simples fugas de escravizados. Essas comunidades eram verdadeiros refúgios de liberdade e resistência, onde africanos escravizados e seus descendentes buscavam construir uma nova vida, livre das amarras do sistema colonial. Mas não eram comunidades onde a anomia imperava, ao menos é o que sugerem os estudos, onde lideranças locais tenderiam a centralizar o papel decisório.

Esses espaços eram estabelecidos em locais de difícil acesso, como matas, serras e mangues, o que dificultava a ação das forças repressivas coloniais. De um modo geral, os quilombos eram comunidades autossuficientes, mas os indícios materiais encontrados pela arqueologia também sugerem que praticavam trocas sazonais com outros atores sociais. Nesses locais, os habitantes construía suas próprias sociedades, buscando a autossuficiência e a autonomia. A produção de alimentos, a criação de animais e a manufatura de artesanato eram atividades essenciais para a sobrevivência dessas comunidades.

Além da busca pela liberdade, os quilombos tinham como objetivo a construção de uma nova forma de vida, baseada em valores e princípios diferentes daqueles da sociedade escravista. A preservação da cultura africana era uma parte fundamental desse projeto, sendo transmitida de geração em geração através de rituais, músicas, danças, crenças. Em todos esses casos, a linguagem e a culinária nutriam identidades.

A organização social dos quilombos era bastante complexa e difusa, variando de acordo com a origem étnica dos seus membros e com o contexto histórico e geográfico. No entanto, algumas características eram comuns a todas essas comunidades, como a existência de líderes, conselhos e regras comunitárias. Os quilombos eram sociedades igualitárias, onde todos os membros tinham direitos e deveres.

Essas comunidades representam um marco fundamental na história do Brasil, simbolizando a resistência, a luta pela liberdade e a construção de uma identidade própria. Mas, para além da romantização a posteriori do cotidiano e das condições de vida, existiram comunidades reais nas quais a sobreviver exigia dedicação a labuta diária, com muito trabalho físico. Na atualidade, estudar e revisar a produção intelectual sobre esse tema se tornou um desafio essencial para compreender a complexidade da formação da sociedade brasileira e para valorizar a diversidade cultural do país.



2 A DINÂMICA DOS QUILOMBOS

Como dito acima, a vida nos quilombos era marcada pela autossuficiência, pela produção de alimentos, pela criação de animais e pela feitura de artesanato. Os quilombolas desenvolveram sistemas de organização social próprios, com líderes, conselhos e regras comunitárias. A religião, fortemente influenciada pelas tradições africanas, desempenhava um papel central na vida social e cultural dessas comunidades.

Para compreender a complexidade da vida nos quilombos, é fundamental recorrer às obras de historiadores que se dedicaram a estudar esse tema. Entre eles, destacam-se João José Reis (1988), Flávia Lacerda (2003) e Roger Bastide (2005), cujas obras oferecem *insights* valiosos sobre a organização social, a cultura e a resistência dos quilombolas.

João José Reis (1988), em sua obra "Rebeldes do Escravismo", demonstra que os quilombos não eram apenas refúgios para escravizados fugidos, mas sim espaços de resistência ativa contra o sistema escravista. Os quilombolas desenvolviam estratégias de luta armada, estabeleciam alianças com outros grupos sociais e construíam uma cultura política própria. A resistência dos quilombos era uma forma de desafiar o poder dos senhores de engenho e questionar a legitimidade da escravidão.

Flávia Lacerda (2003), em "A Invenção do Quilombo", aborda a importância da cultura na construção da identidade quilombola. A autora demonstra como os quilombos eram espaços de produção cultural, onde as tradições africanas eram preservadas e transformadas. A religião, a música, a culinária e as práticas medicinais africanas eram elementos fundamentais da vida quilombola, conferindo aos mesmos uma identidade própria e fortalecendo seus laços comunitários.

Estamos falando de comunidades com uma organização social complexa. A produção agrícola, a criação de animais e a produção de artesanato eram atividades essenciais para a sobrevivência da comunidade. A divisão do trabalho era geralmente baseada em gênero e idade, com as mulheres desempenhando um papel fundamental na produção de alimentos e na educação das crianças.

Roger Bastide (2005), em "Os Africanos no Brasil", destaca a importância da cultura africana na formação da sociedade brasileira. O autor analisa como as religiões afro-brasileiras, como o candomblé, por exemplo, tiveram origem nos quilombos e se espalharam por todo o território nacional.

A localização dos quilombos em áreas de difícil acesso era uma estratégia para escapar da perseguição das autoridades coloniais. No entanto, essa localização também impunha desafios, como a necessidade de se adaptar a ambientes hostis e a dificuldade de obter alguns recursos. Portanto, a vida nos quilombos era marcada pela constante luta pela sobrevivência e pela defesa da liberdade.



3 A RESISTÊNCIA ARMADA E CULTURAL

Como mencionamos, os quilombos não eram apenas espaços de fuga, mas também de resistência armada. Várias revoltas e emboscadas foram organizadas contra as forças coloniais, demonstrando a disposição dos quilombolas de defender sua liberdade. Além da resistência militar, os quilombos também representavam um importante espaço de resistência cultural, onde as tradições de culturas não dominantes eram preservadas e transmitidas de geração em geração.

João José Reis (1988) demonstra que a fuga era apenas o primeiro passo na construção de um quilombo. A partir desse momento, os quilombolas desenvolviam uma série de estratégias para se defender de ataques e garantir sua sobrevivência. A construção de fortificações, a utilização de armas e a organização de milícias eram comuns em muitos quilombos.

A resistência armada dos quilombos era uma forma de desafiar o poder dos senhores de engenho e questionar a legitimidade da escravidão. Ao atacar fazendas, roubar animais e liberar outros escravizados, os quilombolas não apenas buscavam sua própria liberdade, mas também enfraqueciam o sistema escravista como um todo.

Diferentes modos de resistência e enfrentamento eram ali gestados e praticados, a força e a resistência dos quilombos não se limitava à esfera militar. A cultura desempenhava um papel fundamental na luta pela identidade e pela autonomia. Lacerda (2003) destaca como os quilombos eram espaços de produção cultural, onde as tradições africanas eram preservadas e transformadas.

Através da música, da dança, da religião e das práticas medicinais, os quilombolas resistiam à imposição da cultura europeia e afirmavam sua identidade. As religiões de matriz afro-brasileiras tiveram origem nos quilombos e se espalharam por todo o território nacional, carregando consigo elementos da cultura africana e elementos próprios das experiências dos escravizados no Brasil.

A resistência armada e a resistência cultural não eram fenômenos isolados, mas sim interligados. A música, por exemplo, desempenhava um papel fundamental na mobilização dos quilombolas para a luta e na manutenção da coesão social. As religiões afro-brasileiras, por sua vez, ofereciam conforto espiritual e fortaleciam os laços comunitários, tornando os quilombolas mais resilientes frente às adversidades.

4 O LEGADO DOS QUILOMBOS

A importância dos quilombos para a história do Brasil transcende o período colonial. Essas comunidades foram um dos principais atores na luta contra a escravidão e contribuíram significativamente para a formação da identidade nacional. O legado dos quilombos está diretamente presente na cultura, na música, na culinária e nas religiões afro-brasileiras, mas não se esgota aí, pois tem se difundido e performado ao longo dos anos em diferentes dimensões da existência social, seja no prescrito seja no vívido.



Os quilombos, como refúgios de liberdade e resistência à escravidão, deixaram um legado profundo e duradouro para a sociedade brasileira. Essa herança, marcada pela luta por direitos, pela preservação da cultura africana e pela construção de uma identidade própria, continua a influenciar a sociedade brasileira contemporânea. Embora, não raro, tendências de apagamento da história e da memória social eclodam politicamente, em especial, no contexto recente de crescimento das forças conservadoras.

A resistência dos quilombolas, tanto armada quanto cultural, é a base do seu legado. Ao desafiar o sistema escravista e construir sociedades alternativas, os quilombolas demonstraram a força da luta por liberdade e justiça. Essa resistência inspirou movimentos sociais posteriores e continua a ser uma referência para aqueles que lutam por direitos e igualdade.

Nos quilombos, a cultura africana encontrou um espaço para se desenvolver e se transformar. As tradições, a música, a dança, a religião e as práticas medicinais africanas foram preservadas e transmitidas de geração em geração. Essa preservação da cultura africana é um dos legados mais importantes dos quilombos e contribuiu significativamente para a formação da identidade cultural brasileira.

A identidade quilombola foi construída a partir da experiência da escravidão, da resistência e da construção de comunidades autônomas. Essa identidade é marcada pela valorização da ancestralidade africana, pela luta por direitos e pela defesa do território. A identidade quilombola é um exemplo de como a cultura pode ser utilizada como ferramenta de resistência e de afirmação de direitos.

O legado dos quilombos continua presente na sociedade brasileira contemporânea. Os quilombolas lutam por seus direitos, como o direito à terra, à educação e à saúde. O movimento quilombola é um dos mais importantes movimentos sociais do país e tem contribuído para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

5 OS QUILOMBOS NA ATUALIDADE

Apesar da abolição da escravatura, os quilombolas continuaram a enfrentar diversas formas de discriminação e exclusão social. Nas últimas décadas, houve um crescente reconhecimento da importância dos quilombos para a história e a cultura do Brasil. A Constituição Federal de 1988 reconheceu os direitos territoriais das comunidades remanescentes de quilombos, garantindo-lhes o direito à terra e à autodeterminação. Apesar de terem sido criados em um contexto histórico específico, os quilombos mantêm viva sua cultura, suas tradições e sua luta por direitos.

A história dos quilombos é marcada pela resistência, pela autossuficiência e pela construção de uma identidade cultural própria. Esse legado continua presente nas comunidades quilombolas contemporâneas, que enfrentam desafios como a luta pela terra, o acesso à educação e à saúde, e a preservação de suas tradições.

Um dos maiores desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas é a luta pela titulação de suas



terras. Muitas comunidades ainda ocupam terras que lhes foram negadas durante séculos, e enfrentam constantes ameaças de invasão e expulsão. As comunidades quilombolas, em sua maioria, estão localizadas em áreas remotas e possuem menor acesso a serviços básicos como educação e saúde. A falta de escolas e postos de saúde adequados dificulta o desenvolvimento das comunidades e a garantia de direitos básicos.

A globalização e a urbanização representam uma ameaça à preservação da cultura quilombola. A perda de conhecimentos tradicionais, a influência de outros costumes e a discriminação racial são desafios que precisam ser enfrentados. Abordaremos essas questões de modo mais detalhado nos próximos capítulos, ao tratar da água e do saneamento urbano nas comunidades quilombolas do Rio de Janeiro.

6 CONCLUSÃO

Os quilombos representam um marco fundamental na história do Brasil, simbolizando a resistência, a luta pela liberdade e a construção de uma identidade própria. O estudo dos quilombos é essencial para compreender a complexidade da formação da sociedade brasileira e para valorizar a diversidade cultural do país.

O estudo dos quilombos é fundamental para compreender a complexidade da história do Brasil e a importância da luta dos povos negros na formação da nossa identidade nacional. Ao estudar os quilombos, podemos aprender sobre a resistência, a cultura e a luta por direitos, valores que são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A dinâmica dos quilombos era complexa e diversificada, marcada pela resistência, pela autossuficiência e pela construção de uma identidade cultural própria. As obras de João José Reis (1988), Flávia Lacerda (2003) e Roger Bastide (2005) oferecem uma visão abrangente sobre a vida nos quilombos, destacando a importância da cultura, da organização social e da resistência na construção dessas comunidades.

A resistência dos quilombos deixou um legado importante para a história do Brasil. Ao desafiar o sistema escravista e construir sociedades alternativas, os quilombolas contribuíram para a formação da identidade nacional brasileira. A luta dos quilombolas inspirou movimentos sociais posteriores e continua a ser uma referência para aqueles que lutam por justiça social e igualdade.

O legado dos quilombos é uma rica herança que nos inspira a lutar por justiça, igualdade e respeito à diversidade cultural. Ao estudar e valorizar a história dos quilombos, contribuímos para a construção de um futuro mais justo e igualitário para todos.

Apesar dos desafios, as comunidades quilombolas têm conquistado importantes vitórias. A Constituição Federal de 1988 reconhece os quilombos como comunidades tradicionais e garante o direito à propriedade das terras que ocupam tradicionalmente. O movimento quilombola tem se organizado e lutado por seus direitos, conquistando cada vez mais visibilidade e reconhecimento. No entanto, a garantia



constitucional à titulação efetiva da terra há um longo caminho a ser percorrido.

A cultura quilombola é uma fonte de riqueza e conhecimento para toda a sociedade. As práticas agrícolas sustentáveis, os conhecimentos sobre plantas medicinais e a valorização da ancestralidade são apenas alguns exemplos do que as comunidades quilombolas podem oferecer.

A pesquisa e a extensão universitária têm um papel fundamental na luta pelos direitos dos quilombolas. Através de pesquisas, os acadêmicos podem contribuir para a produção de conhecimento sobre a realidade das comunidades quilombolas e auxiliar na formulação de políticas públicas mais adequadas.

A extensão universitária, por sua vez, pode fortalecer os laços entre a universidade e as comunidades, promovendo a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de projetos em conjunto. Os quilombos são muito mais do que um capítulo da história do Brasil. Eles são comunidades vivas, que mantêm viva a luta por justiça, igualdade e respeito à diversidade cultural.

Ao estudar, valorizar e aprender com a história e a cultura dos quilombolas, contribuímos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Por fim, para fins de ilustração do universo ao qual estamos no referindo no Rio de Janeiro, anexamos uma listagem das comunidades quilombolas a partir dos dados disponibilizados publicamente. De acordo com a Acquilerj, o Rio de Janeiro possui 52 comunidades quilombolas ou remanescentes de quilombo mapeadas, espalhadas por todas as regiões do Estado.

O levantamento abaixo é um extrato das informações oficiais dos Quilombos certificados pela Fundação Palmares¹:

UF	MUNICÍPIO	COMUNIDADE
RJ	CABO FRIO SÃO PEDRO DA ALDEIA	CAVEIRA
RJ	RIO DE JANEIRO	FAMÍLIA PINTO - Sacopã
RJ	CABO FRIO	PRETO FORRO
RJ	MANGARATIBA	ILHA DE MARAMBAIA
RJ	CAMPOS DOS GOYTACAZES	CONCEIÇÃO DE IMBÉ
RJ	CAMPOS DOS GOYTACAZES	CAMBUCÁ
RJ	CAMPOS DOS GOYTACAZES	ALELUIA
RJ	CAMPOS DOS GOYTACAZES	BATATAL
RJ	ARMAÇÃO DOS BÚZIOS	RASA
RJ	RIO DE JANEIRO	PEDRA DO SAL
RJ	CABO FRIO	BOTAFOGO
RJ	ARARUAMA	SOBARA
RJ	QUISSAMÃ	MACHADINHA
RJ	VALENÇA	SÃO JOSÉ DA SERRA

¹ FUNDAÇÃO PALMARES. Certificação Quilombola. Disponível em: <<https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>>. Acesso em: 2 out. 2024.



UF	MUNICÍPIO	COMUNIDADE
RJ	MAGÉ	MARIA CONGA
RJ	QUATIS	SANTANA
RJ	PARATY	CABRAL
RJ	SÃO FIDÉLIS	SÃO BENEDITO
RJ	NATIVIDADE	CRUZEIRINHO
RJ	ANGRA DOS REIS RIO CLARO	ALTO DA SERRA DO MAR
RJ	SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA	DESERTO FELIZ
RJ	PETRÓPOLIS	TAPERA
RJ	CABO FRIO	MARIA JOAQUINA
RJ	CABO FRIO	MARIA ROMANA
RJ	ARMAÇÃO DOS BÚZIOS	BAÍA FORMOSA
RJ	ANGRA DOS REIS	SANTA RITA DO BRACUÍ
RJ	SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA	BARRINHA
RJ	AREAL	BOA ESPERANÇA
RJ	PARATY	CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA
RJ	ARARUAMA	TAPINOÃ -Prodígio
RJ	RIO DE JANEIRO	CAFUNDÁ ASTROGILDA
RJ	RIO DE JANEIRO	CAMORIM - MACIÇO DA PEDRA BRANCA
RJ	MANGARATIBA	FAZENDA SANTA JUSTINA/SANTA ISABEL
RJ	NITERÓI	GROTÃO
RJ	RIO DE JANEIRO	DONA BILINA
RJ	CABO FRIO	FAZENDA ESPIRITO SANTO
RJ	CAMPOS DOS GOYTACAZES	SOSSEGO
RJ	CAMPOS DOS GOYTACAZES	LAGOA FEA
RJ	CAMPOS DOS GOYTACAZES	CUSTODÓPOLIS
RJ	MAGÉ	FEITAL
RJ	PARATY	GUITI
RJ	MAGÉ	BONGABA
RJ	RIO DE JANEIRO	PEDRA BONITA
RJ	RIO DE JANEIRO	QUILOMBO FERREIRA DINIZ
RJ	VALENÇA	PAI JOAQUIM
RJ	CABO FRIO	SÃO JACINTO CAMPOS NOVOS

Os quilombos deixaram um legado importante para a história do Brasil. Eles representam um símbolo de resistência e luta pela liberdade, e suas contribuições para a cultura brasileira são inegáveis. A música, a culinária, as religiões afro-brasileiras e muitas outras manifestações culturais brasileiras possuem raízes nos quilombos.



REFERÊNCIAS

- ACQUILERJ - ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. RELATÓRIO COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://kn.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Relatorio_Quilombos-RJ-1.pdf> Acesso em: 10 out. 2024.
- BASTIDE, Roger. Os africanos no Brasil. São Paulo: Global, 2005.
- BERNARDO, Maria Luiza T. de M. Quilombolas: Resistência, História e Cultura. São Paulo: Ática, 2008.
- FUNDAÇÃO PALMARES. Certificação Quilombola. Disponível em: <<https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>>. Acesso em: 2 out. 2024.
- GOMES, Flávio dos Santos. Mocambos e quilombos. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. Aquilombar-se: Panorama sobre o movimento quilombola brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- LACERDA, Flávia. A invenção do quilombo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MOURA, Clóvis. Os quilombos na dinâmica social do Brasil. São Paulo: Global, 1993.
- NEGO BISPO. Colonização, quilombos – Modos e significados. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- REIS, João José. Rebeldes do escravismo: a resistência negra no Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.
- RIO WATCH. Quilombo do Camorim: Uma História de Preservação e Resistência. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=20726>. Acesso em: 20 out. 2024.
- SILVA, Givânia Maria da. Educação Quilombola: Territorialidades, Saberes e as Lutas por Direitos. Salvador: EDUFBA, 2010.
- SOUZA, Bárbara Oliveira. Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas. São Paulo: Annablume, 2006.
- SCHWARTZ, S. B. Escravos, roceiros e rebeldes. Bauru: Edusc, 2001.